**GT76: Sujeito e religiosidade: práticas, representações e experiências**

**Elas afirmam: há uma mesa no reino dos céus para nós! Reflexões sobre aproximações entre as saficrentes e teologias feministas e queer.**

**Louise Tavares Oliveira do Nascimento[[1]](#footnote-1)**

**Resumo**

O grupo online no WhatsApp, com nome Igreja Vale das Bênçãos, é um espaço onde mulheres sáficas buscam trocar experiências e promover webcultos. As saficrentes, como se denominam, buscam defender uma fé afirmativa da diversidade, uma maneira de elaborar a religiosidade de um modo não tradicional. Ou seja, aparecem em um quadro em que as representações e o discurso se mostram por outra perspectiva. Por meio da observação do grupo é possível defender que os elementos da teologia feminista e queer estão em proximidade com o que grupo faz. Diante disso, este trabalho tem por intuito discutir como as categorias elaboradoras pelas saficrentes se relacionam com a teologia queer e feminista produzidas por Odja Barros Santos e Ana Ester, no sentido de notar como o campo religião, fé, sexualidade e gênero estão se manifestando no presente.

Palavras-chave: Saficrente. Queer. Feminismo. Religião

**Introdução**

Na Igreja Vale das Bênçãos é comum ouvir sobre os mais variados assuntos, entre fofocas, memes e flertes, as saficrentes usam a rede WhatsApp para ser um espaço em que religiosidade, sexualidade e militância sejam colocadas em pautas. O grupo que surgiu em meados de maio do ano de 2020, ainda durante a pandemia do novo Corona vírus, tem por intuito reunir mulheres sáficas e cristãs. Por ser um grupo on line, venho interagindo nas dinâmicas propostas pelo grupo, que além de diálogos e conversas no “whats” promove webcultos em que os signos da fé cristã estão relacionados à experiência de mulheres sáficas, que se autodenominam como saficrentes[[2]](#footnote-2).

Assim, nesse guisado de sociabilidades que a Igreja Vale das Bênçãos proporciona tenho tido acesso a uma forma de se viver a religiosidade que se mostra diversa e afirmativa. Isso porque as ideias embaladas no grupo são fruto de pensamentos como os da Teologia Queer e Feminista. É o próprio Vale que me apresentou nomes como o da reverenda sapatão Ana Ester Pádua Freire, e da Pastora Odja Barros Santos, teólogas que são conhecidas pela defesa de uma fé afirmativa e diversa. Logo, é por meio desses termos que, aqui, se busca pensar como as categorias nativas da Igreja Vale das Bênçãos se relacionam com o pensamento da Teologia Feminista e Queer, uma vez que esses termos se colocam como uma nova perspectiva em que as agentes e comunicadoras da fé não se localizam no espectro tradicional e conservador cristão. Desse modo, um ponto necessário a se investigar, pois como proposto por Michel Foucault, em a *Ordem do discurso*, o discurso se coloca de forma relacional. Ou seja, está no campo do saber/poder, e seria parte de arranjos que os indivíduos são eliciados. Como ele frisa: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCALT, 2014, p.10).

Assim, por entre esses arranjos, Gebara (1997), ao propor a relação entre religião e ecofeminismo, pontua como as mulheres são a grande maioria no meio cristão[[3]](#footnote-3) mas com a ressalva de que são pouco convidadas a decidir, conduzir e assumir o que a instituição tradicional faz, muito menos os signos remetidos atendem a percepção que alcance a totalidade da vida das mulheres, sobretudo as das menos favorecidas, negras, lésbicas, bissexuais e dissidentes gênero. Ou seja, é comum às grandes instituições cristãs reproduzir um discurso que revela valores machistas, patriarcais e neoliberais, aquilo que Gebara (1997) indica como característico de religiões de mercado e religiões patriarcais. Essas religiões seriam instituições históricas em que as estruturas reproduzem a concepção da mulher como inferior e subordinada desde o mito da criação, como por exemplo algumas tradições cristãs, judaicas e mulçumanas defendem.

Na contramão disso, o grupo Vale das Bênçãos surge com a reunião de mulheres que não se adequam a esses termos, ou aquilo que elas denominam como a *bolha crente.* Ou seja, elas se propõem a olhar para o contexto de opressões, discursos e moralidade cristã majoritária sob uma perspectiva em que as suas vivências sáficas não sejam alijadas. Freire (2019) coloca nesse mesmo sentido que a Teologia Queer se coloca por meio de uma fé que sai do armário, e com todas as implicações que há nesse ato, já que o próprio termo queer se apresenta por seu caráter subversivo e contra hegemônico.

Portanto, esse trabalho busca investigar essas possibilidades de religiosidade que aparece de forma marginal, que parece ser múltipla no sentido de produzir um novo sentido sobre o cristianismo, político e subversivo é possível dizer.

**Objetivo**

* Analisar as categorias produzidas pelo Grupo online Igreja Vale das Bênçãos em relação aos pensamentos da Teologia feminista e queer produzidos por Ana Ester e Odja Barros.

Objetivos específicos

* Analisar as conversas do grupo Vale das Bênçãos em relação a fé afirmativa
* Investigar as categorias nativas do grupo em que feminismo e dissidências de gênero são colocados em jogo
* Analisar os pensamentos feminista e queer produzidos por Ana Esther e Odja Barros
* Refletir sobre o campo discursivo em que esses pensamentos se situam

**Metodologia**

A problemática levantada foi analisada por meio da observação participante com o grupo Vale das Bênçãos, nos termos definidos por Malinowski (2018), sendo esse trabalho parte do que venho desenvolvendo na minha pesquisa de mestrado. Junto a isso foi feito o levantamento bibliográfico das produções das duas teólogas mencionadas, mais detidamente na tese da reverenda Ana Ester e na dissertação da pastora Odja Barros. Por fim, foi feita uma aproximação entre as ideias elaboradas por meio dessas perspectivas, com intuito de tornar a observação participante que venho desenvolvendo mais rica de informações sobre as novas possibilidades de religiosidade, principalmente no sentido de notar como os discursos e práticas que se dizem subversivas se colocam no campo de poder, que ao que parece é múltiplo e dotado de perspectiva. Como proposto por Rubin (2017) o sexo é político, então importa notar em que termos essas mulheres se colocam diante desse emaranhado discursivo e moral da fé cristã tradicional. Seja buscando escapar do sentido tradicional, levantando aspectos críticos frente à tradição; ou produzindo alternativas por meio de novos sentidos mais próximos da realidade das minorias.

**Resultados e discussão**

O que resulta deste trabalho parte da afirmação que ouvi em um dos webcultos do Vale das Bênçãos: “Deus tem uma mesa para nós”, logo por esse caminho pude notar como as definições do grupo sobre fé, religião, sexualidade e gênero se relacionam com os pensamentos da teologia queer e feminista. Isso porque foi o próprio Vale das Bênçãos alinhado às essas compreensões, que me apresentou e deu acesso a nomes como as pastoras Odja Barros e Ana Ester.

Como um grupo que tem uma formação diretiva, ou seja, de ser uma rede de apoio e de circulação de informações é comum ouvir sobre como a temática da religião e diversidade sexual tem sido tratada eplos grupos LGBTQI+. Então já ouvi desde a existência de igrejas inclusivas à atuação de figuras eclesiásticas dentro e fora das instituições religiosas. É assim que tive conhecimento de nomes como Ana Ester e Odja Barros, pastoras, membras de igrejas inclusivas, respectivamente, Igreja Metropolitana de Belo Horizonte e Batista do Pinheiro. Esse duas figuras eclesiais atuam, também, dentro do meio acadêmico. Portanto, a discussão aqui se baseia em elementos propostos por essas mulheres por meio de seus trabalhos acadêmicos. No caso a tese da Ana Ester sobre a experiência na Igreja Metropolitana, e o pensamento da teologia queer. E a dissertação da Odja Barros Santos sobre a leitura feminista da bíblia, e pensamento da teologia feminista.

Esses trabalhos, tem sido norteadores para compreender as dinâmicas do Vale das Bênçãos, na medida que o Vale me informa sobre teologia feminista e queer. Ou seja, busco refletir sobre as afirmações e discursos das saficrentes à medida que falam sobre fé, deus, igreja, bíblia, sexo, amor e relações. Ou quando oram, fazem sermões, fofoca, quando trocam memes e falam das figuras de referência. São uma forma de situar novas formas da experiência religiosa que não se restringe ao templo ou instituição.

Como proposto por Odja Barros Santos a leitura popular da Bíblia por meio da perspectiva feminista defende que os sujeitos se apropriem da interpretação bíblica. Nessa perspectiva o livro é visto como um texto vivo que deve refletir a realidade de quem ler. Ou seja, uma leitura que se propõe como libertadora na qual os pobres, as mulheres se identifiquem. Ainda nesse sentido defende um processo de conscientização, e uma crítica a ideia de reprodução defendida em grande parte das instituições cristãs. No método de leitura proposto por Santos (2010) se daria pelo tripé: realidade, bíblia, comunidade.

Assim, diante dessa perspectiva, tenho notado como a IVB[[4]](#footnote-4) se avizinha dessa concepção definida por Santos (2010) e busca ler a bíblia para espelhar suas vivências. Assim, em proximidade a essa ideia, coloco como na leitura da bíblia efetuada pelas saficrentes, é comum notar afirmações sobre liberdade, amor e salvação o culto é mobilizado por meio da divisão de experiências, de opiniões e de possíveis interpretações. Isso foi possível na leitura do livro de Eclesiastes, em dos cultos, elas afirmaram: Goza a vida com a mulher que amas! No sermão proferido por Jô sobre o silêncio de Maria (mãe de Jesus) foi problematizado o conjunto de silenciamentos que essas figuras bíblicas enfrentaram, uma possível crítica ao apagamento, e reprodução de concepções viciadas sobre o que é ser mulher para a Igreja, mesmo Maria sendo uma figura central (no caso Jô evidenciou o tratamento da Igreja Católica).

Logo, por meio dessas afirmações e práticas busco notar como a Teologia Queer proposta por Ana Ester se entrelaça com essas experiências das saficrentes, pois a maneira como a sexualidade é levantada busca subverter a exclusão histórica de pessoas LGBTQI+ da fé cristã. Desse modo, tanto na teologia queer como no grupo a defesa é para uma religiosidade afirmativa. Freire (2019) defende a Teologia Queer como um conjunto de pensamentos na qual há uma afirmação da diversidade sexual, existe para subverter lógicas engessadas sobre o divino e a fé, ou seja, ela queima armários (FREIRE, 2019). Isso porque a questão das dissidências de sexo e gênero foi posta para fora do terreno do sagrado pelas tradições cristãs. Nesse mesmo sentido, é possível colocar que na tradição ocidental a sexualidade e a política seriam terrenos movediços, com zonas de exclusão, portanto um território disputado. Como exposto neste trecho:

“Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cercada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente e neutro no qual sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (FOUCALT, 2014, p.9).

Portanto, é importante notar a oposição que a IVB e essas teologias fazem aos sistemas de exclusão e opressão. Principalmente frente à onda de conservadorismo entre cristãos e evangélicos, sobretudo em alinhamento com grupos fascistas. Existe um questionamento colocado pelas saficrentes sobre o aspecto moral da religião, onde elas se situam, por quais estratégias discursivas é possível afirmar posições, e se diferenciar dos campos conservadores. Percebe-se que esses pensamentos e a IVB se situa numa fronteira, então dizer e experienciar todos esses aspectos da fé afirmativa se constitui com uma estratégia política.

**Referências**

**FOUCAULT**, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 2014.

**FREIRE**, Ana Ester Pádua. Armários queimados: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade / Ana Ester Pádua Freire. Belo Horizonte, 2019.

**GEBARA**, Ivone. Teologia ecofeminista. São Paulo. Olho dágua, 1997.

**MALINOWSKI**, Bronisław. Argonautas do pacífico ocidental. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

**RUBIN**, Gayle. Pensando o sexo. Notas para uma teoria radical da política da sexualidade, 2017.

**SANTOS**, Odja Barros. Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na Perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência. São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

1. Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. [↑](#footnote-ref-1)
2. Neologismo que surge da aglutinação das palavras sáfica e crente. [↑](#footnote-ref-2)
3. Proponho uma generalização do termo para abarcar de evangélicos à católicos , reconhecendo os riscos que nessa generalização [↑](#footnote-ref-3)
4. Abreviação para Igreja Vale das Bênçãos [↑](#footnote-ref-4)